

## Identidade fragmentada em tempo disperso e narrador incerto<sup>1</sup>

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fabiana Ferreira da Costa<sup>1</sup> (UFPB VIRTUAL)

### Resumo:

*Sabemos que o processo de migração não é uma novidade temática na ficção literária. No romance Essa Terra de Antônio Torres, entretanto, encontramos o tema da migração nas linhas de sua narrativa de uma forma peculiar: a migração ocasiona mais do que um ultrapassar fronteiras, ela agencia uma redefinição da identidade do sujeito que vive em contato com valores, linguagens, culturas diferentes. Nesse sentido, buscamos compreender a partir de Nelo, personagem do romance Essa Terra, como a formação da subjetividade e identidade do sujeito contemporâneo e a fragmentação na/da estruturação do texto narrativo refratam e refletem (utilizando-nos aqui da expressão bakhtiniana) os efeitos do processo de migração nordestina sobre um indivíduo que vive entre culturas e realidades diferentes.*

**Palavras-chave:** Migração, Identidade, Literatura.

## 1 Introdução

O processo de migração não é um evento novo. Há tempos uma quantidade significativa de pessoas ultrapassa os limites de suas regiões, estados, países em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Uma das consequências dessa mobilidade é, segundo Gómez-Peña, “uma redefinição não somente de ‘fronteiras geopolíticas’, mas especificamente de ‘linguagem, identidade nacional e pessoal, ativismo, arte e cultura popular’” (GÓMEZ-PEÑA, 2000, p. 11 apud WALTER, 2003, p.1).

Se o ultrapassar fronteiras não ocasiona apenas um ato de transpor limites territoriais, e o estar entre linguagens, culturas, valores diferenciados propicia a vivência desses elementos de forma contraditória e complementar, fazendo com que o sujeito construa uma redefinição da sua própria identidade; parece-nos pertinente que o arcabouço teórico da transculturação pode dar explicações a respeito de tal problemática, pois a transculturação envolve tanto uma perda parcial de uma cultura precedente quanto a criação de novos fenômenos culturais, isto é, no processo transitivo de uma cultura para outra não há apenas a assimilação de uma cultura:

*[...] el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz anglo-americana aculturation, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturación<sup>2</sup> (ORTIZ, 1978, p. 96).*

Em suma, o estar entre fronteiras geopolíticas significa criar psiquicamente espaços intersticiais onde elementos culturais — valores, linguagem, crenças, classe, etc., coexistem e se articulam de maneira complementar e contraditória de forma a (re)construir uma identidade do sujeito contemporâneo. Tais espaços intersticiais podem ser compreendidos também pela expressão

<sup>1</sup> O presente trabalho é um recorte da introdução, do primeiro e segundo capítulos da dissertação de mestrado intitulada: “Migração e entre-lugares identitários no romance Essa Terra”, orientada pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sônia Lúcia Ramalho de Farias, defendida em fevereiro de 2006 na UFPE.

<sup>2</sup> [...] o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano *aculturation*, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial *desculturación*, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturación* [tradução nossa].

“entre-lugar<sup>3</sup>” que coloca em evidência a complexidade dos processos (psíquicos, culturais, sociais, linguísticos) envolvidos em um simples ultrapassar de fronteiras: o sujeito não apenas excede limites territoriais, gera espaços fronteiros ou intersticiais onde passa a reorganizar sua identidade e subjetividade. É preciso salientar que o processo de transculturação

não designa uma  *fusão* sintética e dialética dos elementos culturais heterogêneos. O que forma o espaço-nação, a identidade e a cultura nacional em Ortiz é uma conceituação transcultural caracterizada por uma tensão entre síntese e simbiose, fusão e coexistência antagônica, uma interação cujos estágios não se pode traçar inteiramente (WALTER, 2003, p. 4).

Nesse sentido, o contato intercultural, o estar entre culturas, linguagens e valores diferenciados propicia a vivência e a articulação de diferentes representações sociais e simbólicas<sup>4</sup>, que estão em constante mobilidade. A vivência e a articulação de tais representações, todavia, não se realizam por uma “fusão sintética e dialética” de suas diferenças, e sim pelo processo de transculturação que deve ser compreendido, ainda salienta Walter, como “um diálogo (uma harmonia) incômodo” entre “a continuidade e a ruptura”, “a coerência e a fragmentação”.

Em resumo, o foco principal do presente trabalho é investigar, no romance *Essa Terra de Antônio Torres*, a partir do personagem Nelo, como a formação da subjetividade e identidade do sujeito contemporâneo e a fragmentação na/da estruturação do texto narrativo refratam e refletem os efeitos do processo de migração nordestina sobre um indivíduo que vive entre culturas e realidades diferentes. É o que iniciaremos no próximo tópico.

É preciso salientar que ao falarmos de identidade, migração e literatura, não queremos investigar como a obra literária reflete o social, este, na verdade, possui uma função na estruturação da narrativa: “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2000, p. 4). Como bem explica Wolfgang Iser: “o texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através de seleção, são retirados tanto do contexto sócio-cultural, quanto da literatura prévia ao texto” (1983, p. 400). Entretanto, salienta o autor, a realidade ali reconhecível agora é colocada sob o signo do fingimento. O mundo é, assim, posto entre parênteses, desse modo, o mundo representado não é um “mundo dado”, mas que deve ser compreendido “como se” fosse. Para Iser, o texto ficcional se refere à realidade sem que necessariamente ele se esgote nesta referência, neste caso a repetição é “um ato de fingir”, isto é, apresenta finalidades que não estão relacionadas à realidade repetida.

## 2 Estar “entre-lugares”

O romance *Essa Terra*, escrito em 1976, começa com o personagem Totonhim narrando a volta do seu irmão mais velho Nelo ao Junco — sua terra natal, situada no sertão baiano. Nelo, visto pela mãe como o Salvador da família, viaja ainda jovem para São Paulo na esperança de uma vida melhor. Vinte anos depois, Nelo retorna às suas raízes. O reencontro com Junco desencadeia em Nelo uma crise identitária: ele não se encontra nem em Junco, nem em São Paulo, ao mesmo tempo ele parece estar nos dois lugares. Nesse desencontrar-se e crise da subjetividade, Nelo se mata. A

---

<sup>3</sup> A expressão foi empregada pela primeira vez por Silvano Santiago em seu ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano de 1971*.

<sup>4</sup> “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2004, p. 17).

sua morte então passa a desencadear nos seus familiares (pai, mãe e irmão — Totonhim) a reflexão sobre suas próprias vidas e suas relações com Junco.

É possível observar no resumo acima do romance que o estar “entre-lugares” é uma expressão viva, ou melhor, dizendo, uma vivência forte na trajetória do personagem Nelo. Voltemo-nos para a história do romance e analisemos como tal vivência se processa.

— Qualquer pessoa deste lugar pode servir de testemunha. Qualquer pessoa com memória na cabeça e vergonha na cara. Eu vivia dizendo: um dia ele vem. Pois não foi que ele veio?

— O senhor está com razão.

— Ele mudou muito? Espero que ao menos não tenha esquecido o caminho lá de casa. Somos do mesmo sangue.

— Não esqueceu, não, tio — respondi, convencido de que estava fazendo um esclarecimento necessário não apenas a um homem, mas a uma população inteira, para quem a volta do meu irmão parecia ter mais significado do que quando dr. Dantas Júnior veio anunciar que havíamos entrado no mapa do mundo, graças a seu empenho e à sua palavra de deputado federal bem votado<sup>5</sup> (ET, p. 10).

No trecho acima, retirado do primeiro capítulo da primeira parte do romance intitulada *Essa Terra Me Chama*, o narrador personagem Totonhim leva o tio ao encontro do sobrinho Nelo, que retorna após vinte anos. O retorno de Nelo é aguardado não só pelo irmão, mas também pela população da cidade. Espera compreendida se entendermos que a figura de Nelo está relacionada a um monumento valorativo da cidade, ou melhor, das próprias pessoas do Junco. A saída de Nelo do Junco, entretanto, não foi apagada, tornou-se uma expectativa de retorno, um acontecimento sempre em suspenso, à beira de uma efetivação.

A chegada de Nelo é sinal de mudança para os habitantes da cidade. O esperado retorno concretiza-se, ficamos então sabendo que o homem que deixou sua terra natal foi em busca de fortuna e melhores condições de vida. O irmão, contudo, segundo Totonhim, retornara apenas para dormir. Duas décadas de sono (leiamos: de ausência) não foram suficientes para realizar um desfastio pela cidade. Junco o faz adormecer, o sono de Nelo é mórbido e Totonhim o pressente. O narrador personagem continua caminhando com o tio em direção à casa onde Nelo se encontra, sentindo que algo de ruim estaria acontecendo:

A alpercata esmaga minha sombra, enquanto avanço num tempo parado e calado, como se não existisse mais vento no mundo. Talvez fosse um agouro. Alguma coisa ruim, muito ruim, podia estar acontecendo.

—Nelo — gritei da calçada. [...]

Não ouvi o que ele respondeu, quer dizer, não houve resposta. Não houve e houve. Na roça me falavam de um pássaro mal-assombrado, que vinha perturbar uma moça, toda vez que ela saía ao terreiro, a qualquer hora da noite. Podia ser meu irmão quem acabava de piar no meu ouvido, pelo bico daquele pássaro noturno e invisível, no qual eu nunca acreditei. Atordoado, me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela se abrisse — e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede (ET, p. 12).

Nelo retorna para fincar definitivamente suas raízes na cidade onde nasceu — do Junco saiu, ao Junco em pó retorna. A morte de Nelo é o fecho do primeiro capítulo e o acordar de uma cidade: “E foi assim que um lugar esquecido nos confins do tempo despertou de sua velha preguiça para fazer o sinal-da-cruz” (ET, p.13); diz Totonhim no início do segundo capítulo, revelando-nos uma cidade que despertada pela morte evidencia sua vida sem pulso.

O narrador personagem continua ainda a falar sobre o seu lugar natal, ficamos sabendo através de Totonhim que Junco é uma terra em que seus filhos não fincam raízes profundas, a

---

<sup>5</sup> Estamos conservando nas citações do romance a formatação dada ao texto no original.

pobreza do lugarejo é sinal de abandono. A migração é fato comum em Junco. Nelo não foge a regra e vai para São Paulo, mas na cidade grande ele também encontrou terreno sertanejo para seus objetivos, uma vida melhor não conseguiu vivenciar. A sua ida a São Paulo significava também o seu oposto — a volta, imaginada como retorno triunfal, libertador da pobreza, segundo Hall: “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades [...] podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (2003, p.28). Mas o retorno de Nelo não foi redentor, mas conflituoso. Ao chegar em Junco, Nelo vivencia uma experiência transcultural: ele parece estar ao mesmo tempo em Junco e em São Paulo.

No quinto capítulo de *Essa Terra Me Chama*, o narrador personagem Totonhim relata o momento em que ele e o irmão caminham juntos em direção a casa onde haviam nascido. Nelo, Totonhim salienta, estava bêbado. Em determinado momento da caminhada, Nelo quer ir à casa da sua mulher que o abandonou, pede que o irmão mude de rumo e o leve até ela. Nelo pensa estar em São Paulo. O narrador personagem tenta situá-lo: “— Nós estamos no Junco, homem. Quantas vezes na vida você passou por essa estrada? Lembra?” (ET, p. 35). Nelo então recorda das vezes que passava por aquele caminho com uma lata de leite na cabeça e os sapatos no pescoço. Mas, em seguida, pede novamente ao irmão que o leve até a mulher. Voltar ao lugar onde nasceu, às ruínas da casa natalícia, o remete à ruína da casa paulista: a perda da mulher e dos filhos. Nos dois lugares fracassou.

Ora, Nelo está em Junco, porém pensa estar em São Paulo. Na verdade, os dois lugares passam a ser vivenciados de forma, como acima dissemos, transcultural. A destruição de uma casa evoca a ruína da outra: há um “diálogo (uma harmonia) incômodo” entre a casa natalícia e a casa paulista, entre sentimentos de perda e de encontro. Junco e São Paulo estão adornados na memória de Nelo e ligados entre si pela desilusão, pelo fracasso e sofrimento. As duas cidades tornam-se uma terceira: de configuração sertaneja-metropolitana.

Ainda na primeira parte — *Essa Terra Me Ama*, é o próprio Nelo que passa a narrar uma surra que sofre da polícia de São Paulo, que o confunde com um ladrão. O capítulo já inicia com a descrição da sova: “Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. [...] — Você me denunciou, Totonhim. Olhe o resultado. Fuxiqueiro de merda. (ET, p. 55-60). É interessante observar que Nelo não sabia da existência de Totonhim até voltar ao lugarejo onde nasceu. Como então acusá-lo pelo mal que estava sofrendo? Assim a rememoração da surra se passa em Junco. Subjetivamente Nelo interliga pessoas a fatos de espaço-tempo diferentes. As duas cidades e a família passam a co-existir nas suas lembranças de forma simbiótica. Junco e São Paulo possuem a mesma medida de conflito, o tempo devorou o lugar de Nelo em ambas as cidades, fincar raízes parece ser agora utopia: “— É por isso que não sei se volto ou se fico. Acho que tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que deixei em São Paulo” (ET, p. 124). O “parentesco” entre Junco e São Paulo não é uma identificação arbitrária. A semelhança entre os dois lugares coloca em suspenso suas diferenças: entre uma cidade considerada como o cerne do progresso e a outra como atraso, uma ponte intersecciona a metrópole e o sertão: a pobreza, a desilusão, o sofrimento, a falta de oportunidades.

Se o contato intercultural propicia viver processos de identificação num sentido transcultural, Nelo não foge ao padrão. Ele retorna com “costumes de outras terras”, observa Totonhim ao vê-lo pela primeira vez: “Chego e interrompo a velha e sincera conversa do hoteleiro. Também foi sincero o sorriso do recém-chegado, ao apertar a minha mão. — Muito prazer — ele diz. Costumes de outras terras, eu penso, balançando a cabeça de um lado para o outro abismado” (ET, p 19). No mesmo capítulo em que estão indo juntos rever a casa onde haviam nascido, o narrador personagem ainda ressalta a fala paulista do irmão: “— Totonhim... você não é o Totonhim? Maneiras paulistas: o fulano, a fulana. Tive vontade de lhe dizer que povo daqui não gosta de quem fala assim. Na frente, louva-se o sotaque novo do cidadão. Por trás —“ (ET, p. 34). É evidente que morando vinte anos em São Paulo, Nelo teve que se adaptar, que renegociar seus valores e

costumes. Em suma, o processo de transculturação se fez presente em sua vida. Contudo, tal processo, como vimos, não envolve um movimento linear, tranquilo; mas um “diálogo (uma harmonia) incômodo” entre “fragmentação e coerência”, “construção e desconstrução”, “síntese e simbiose”.

Vejamos a seguir como a fragmentação na/da estruturação do texto narrativo refratam e refletem os efeitos do processo de migração nordestina sobre um indivíduo que vive entre culturas e realidades diferentes. Dividido em quatro partes: *Essa Terra Me Chama*, *Essa Terra Me Enxota*, *Essa Terra Me Enlouquece* e *Essa Terra Me Ama*, o romance circula entre tempos cambiantes e narradores diferentes. No romance não há uma linearidade na história a ser narrada, como veremos nos próximos tópicos, a falta de sequência linear está articulada aos personagens, ao fator externo que se tornou interno.

### 3 Tempo disperso

Um tempo disperso configura o romance *Essa Terra*. Tal configuração, entretanto, não é feita aleatoriamente, ela refrata uma ordem que é a ordem das identidades fraturadas dos personagens, de suas relações com a terra. Vejamos.

No primeiro capítulo da primeira parte do romance — *Essa Terra Me Chama*, o narrador personagem Totonhim volta para casa acompanhado do tio ansioso para rever o sobrinho, Nelo, que retorna após vinte anos. Ao chegar em casa, Totonhim encontra o irmão morto. O suicídio de Nelo marca o fim do primeiro capítulo. Até então e no capítulo subsequente nada de anormal acontece no desenrolar da história, contudo, ao iniciarmos a leitura do terceiro capítulo certo estranhamento sucede:

Vinte anos para frente, vinte anos para trás. E eu no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa — um velho relógio de pêndulo que há muito tempo perdeu o ritmo e o rumo das horas. Eis como me sinto e não apenas agora, agora que já sei como tudo terminou.

Estou diante dele, na porta de uma hospedaria que o dono, um vindo de fora, chama de hotel. Esse homem não o conhece.

[...]

— Você não tem necessidade de gastar dinheiro em hotel.

— Eu não sabia que tinha um irmão aqui — ele afasta a minha mão da mala e acrescenta: — Pode deixar. Eu mesmo levo (ET, p. 18-20).

Em *flashback*, o narrador personagem Totonhim passa a narrar o seu primeiro encontro com Nelo, irmão que até então não conhecia pessoalmente. Passamos então a inferir por um momento que a história passaria a ser contada desde o seu início, quando Nelo volta à sua cidade natal. Ao entrarmos no quarto capítulo, porém, ocorre outro estranhamento, pois a narração volta-se para o tempo-presente da morte de Nelo: “Mais um condenado foi para o inferno, pregou o doido Alcino, na porta da igreja. Alcino ficou doido por causa de um vício, fala o povo. [...] Todos sabiam que o doido estava falando a verdade. Quem se mata é um condenado.” (ET, p. 26). No quinto capítulo, em outro *flashback*, o narrador personagem narra o momento em que ele e o irmão estão indo rever juntos a casa onde tinham nascido: “Não custa a crer, diria eu. Nós íamos colados um no outro, a caminho da roça. Íamos para a casa onde havíamos nascido e que há muito já não nos pertencia.” (ET, p. 34). Ficamos, desse modo, já nos capítulos iniciais da primeira parte do romance, suspensos pelas idas e vindas de pretéritos e presentes do tempo, que continuam nos capítulos subsequentes e nas outras partes do romance. Em *Essa Terra* não há uma linearidade cronológica do tempo, mas um tempo disperso que desnorreia o leitor fazendo com que este acure sua atenção ao texto.

É normal pensarmos o tempo numa ordem cronológica: passado, presente e futuro. O tempo do calendário nos oferece essa idéia, três são as características que o compõe:

- um acontecimento fundador, que se considera uma nova era (nascimento de Cristo ou de Buda, a Hégira, advento de determinado soberano, etc.), determina o momento axial a partir do qual todos os acontecimentos são datados; é o ponto zero do cômputo;
- relativamente ao eixo de referência, é possível percorrer o tempo nas duas direções, do passado para o presente e do presente para o passado. [...];
- enfim, estabelecemos “um repertório de unidades de medida que servem para denominar os intervalos constantes entre as recorrências de fenômenos cósmicos” (p.6). Esses intervalos constantes, a astronomia é que ajuda, não a denominá-los, mas sim a determiná-los: o dia, com base numa medida de intervalo entre o nascer e o pôr-do-sol; [...] (RICOUER, 1997, p. 183).

Ora, podemos encontrar no romance *Essa Terra* características do tempo cronológico sob facetas diferentes. É interessante notar que as idas e vindas do tempo na obra estruturam-se a partir de um momento axial — a morte de Nelo. Não há, entretanto, um deslocamento passado-presente/presente-futuro, uma sucessão linear semelhante ao tempo do calendário, as direções serão outras: “Vinte anos para frente, vinte anos para trás. E eu no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa — um velho relógio de pêndulo que há muito tempo perdeu o ritmo e o rumo das horas”. Os dois ponteiros parados são o tempo interno ou psicológico do narrador personagem Totonhim, que se desloca em relação ao momento axial do romance. Do presente ao passado, do passado ao presente, e ainda do presente lançar um olhar para frente. O narrador está no “meio” e é o seu tempo interno que o desloca em direção ao passado ou ao próprio presente. Desse modo, podemos dizer que Totonhim passa a narrar experiências temporais diferentes: a experiência do tempo-passado da volta de Nelo — os *flashbacks*, e a experiência do tempo-presente da morte de Nelo. Ora, vendo-se como um “relógio de pêndulo que há muito tempo perdeu o ritmo e o rumo das horas”, e se não há um tempo cronológico a seguir, qual seria o eixo do seu tempo? O tempo interno, sabendo “como tudo terminou” — a morte do irmão, o narrador se envolve em experiências temporais que, sem ritmo e rumo certos, o levam do tempo-presente da morte de Nelo ao um tempo-passado: “Estou diante dele, na porta de uma hospedaria que o dono, um vindo de fora, chama de hotel. Esse homem não o conhece” (ET, p. 18); e de um tempo-passado ao tempo-presente da morte de Nelo: “Mais um condenado foi para o inferno, pregou o doido Alcino, na porta da igreja” (ET, p. 26).

Vinte anos para trás, a ausência do irmão é ao mesmo tempo a duração de uma espera, do retorno triunfal. Mas nada aconteceu, Totonhim sente-se parado no tempo. Vinte anos para frente, projeta-se num tempo futuro de hesitação: o que poderá acontecer? Estar na metade de alguma coisa é habitar um espaço fronteiro onde passado e presente se articulam, dialogam rasurando a linearidade do tempo. Totonhim vai do tempo-presente da morte de Nelo para o tempo-passado da volta de Nelo, para, em seguida, mover seus ponteiros para o futuro: decide ir embora. Se antes o tempo não importava para ele, agora as experiências temporais que narra faz o mecanismo do seu tempo funcionar.

Para melhor compreendermos as experiências temporais que Totonhim vivencia, como também a de Nelo, parece-nos pertinente que o filósofo Paul Ricoeur, ao defender a tese de que a composição narrativa<sup>2</sup> constitui uma réplica ao caráter aporético da especulação sobre o tempo, pode esclarecer alguns pontos de nossa análise. Para o filósofo, o tempo da narrativa enxerta em sua configuração caracteres temporais da experiência humana, ele ressalta:

[...] que existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e

---

<sup>2</sup> Ricoeur analisa tanto a composição da narrativa histórica quanto a da narrativa de ficção. É no diálogo e no entrecruzamento entre os dois tipos de narrativa que o filósofo defende a hipótese de que “o trabalho inerente ao ato de configuração da narrativa se encerra numa refiguração da experiência temporal” (1997, p. 7).

que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal (RICOUER, 1994, p. 85).

Totonhim vivencia experiências temporais que articulam a própria narrativa. Não queremos afirmar que a ficção imita, reduplica o tempo do mundo, há uma apropriação que não significa, entretanto, reprodução. Não esqueçamos do “como se” de Iser, podemos então entender a tese de Ricoeur também em termos de um “como se” do caráter temporal da experiência humana na narrativa de ficção. Enfim, não é nosso intuito aqui nos deter na tese do filósofo, apenas corroboramos a idéia de que as experiências temporais de Totonhim configuram a narrativa, experiências que estão relacionadas ao mundo empírico sem que seu significado se esgote nele. Ora, vimos nos trechos do romance que há idas e vindas de pretéritos e presentes, o aspecto, portanto, de ordem cronológica do tempo é colocado sob nova ordem representativa. Há evidentemente um lastro com as experiências temporais humanas da realidade empírica, porém não há uma semelhança e sim a produção de uma diferença.

As experiências temporais fragmentadas de Totonhim são também a refração de uma identidade fragmentada, da sua relação com a terra e com a mãe. Totonhim representa para a mãe a terra, o ficar. Totonhim, por outro lado, possui um olhar crítico em relação ao Junco, é por ele inclusive que o sertão é desnudado. O lugar rasura, fragmenta sua identidade: ele é Nelo aos olhos da mãe (ao ver o filho predileto morto, ela passar a ter um surto de loucura e confunde Nelo com Totonhim) e também a terra. Totonhim, por fim, resolve seguir os passos do irmão e ir embora. Estaria assim sendo Nelo?

As experiências temporais dos personagens refratam identidades fragmentadas e relações conflituosas com a terra. Nelo, por exemplo, no décimo capítulo de *Essa Terra Me Chama*, vivencia Junco e São Paulo de forma transcultural, está em Junco e rememora a surra que sofreu na metrópole, isto é, estamos no tempo-passado da volta de Nelo com paralela narração da violência que sofrera, e é o próprio Nelo que narra o evento. Temos nesse capítulo, portanto, duas experiências temporais: o tempo-passado da volta de Nelo e o tempo-pretérito da surra. As experiências temporais de Junco e São Paulo se articulam, dialogam de forma tensa e conflituosa, elas tornam visível uma identidade que, dispersa como o tempo, faz Nelo entrar numa crise da subjetividade e, conseqüentemente, da sua própria identidade.

Observamos, portanto, que as experiências temporais dos personagens estruturam o romance. Os capítulos, as partes da narrativa são compostas por tempos dispersos. Há idas e vindas do pretérito e do presente. O romance não segue uma ordem cronológica do tempo. Demonstramos também que as experiências temporais, por sua vez, refratam a identidade fragmentada e o modo como os personagens se relacionam com a terra. Veremos, a seguir, como as diferentes nuanças do narrador também irão influir nesse aspecto.

#### **4 Narrador incerto**

É com a narração de Totonhim que a primeira parte do romance — *Essa Terra Me Chama*, é aberta. Ele está em companhia do tio, ambos estão indo ver Nelo. O encontro do tio com o sobrinho, já sabemos, é marcado pelo suicídio de Nelo. Totonhim, porém, não é o único a narrar a história. No décimo capítulo da primeira parte, é o próprio Nelo, como vimos, que passa a narrar a surra que sofre em São Paulo. Já na segunda parte do romance — *Essa Terra Me Enxota*, o narrador torna-se onisciente:

Dizem que na hora da morte, o homem vê claramente, diante dos seus olhos, toda a vida que ele teve, desde o nascimento.

Era nisso que o velho estava pensando.

Porque se lembrava de tudo, como se estivesse acontecendo agora.

As coisas pareciam ter um novo significado quando ele se dirigiu à roça de mandioca, para pegar as manaíbas ” (ET, p. 82).

Como o narrador poderia saber o que o personagem estava pensando? No caso, o seu pai, que

estava sozinho. É evidente que na segunda parte do romance o narrador onisciente se faz presente. Ele está distante da narrativa, não participa dela, diferentemente de Totonhim que sendo um narrador personagem não pode ter “acesso ao estado mental dos personagens” (LEITE, 1994, p. 43).

Na terceira parte — *Essa Terra Me Enlouquece*, no primeiro capítulo, o narrador personagem Totonhim retoma a narração. É o momento em que a mãe, ao ver o filho morto, passa por um surto de loucura e então começa a enforçar Totonhim: “Era como se fosse a hora da minha morte. E naquela hora eu nem me lembrei que tinha apenas vinte anos e ainda podia viver muito” (ET, p. 107). No terceiro capítulo da mesma parte, entretanto, ocorre mais uma mudança, pois agora o narrador torna-se onisciente:

[...]

— Nesta terra os vivos não dormem e os mortos não descansam em paz — assim falava Alcino, na noite quieta.

[...]

Da calçada da igreja ele corre para a porta da venda. Pára e grita. Da venda corre para as ruas dos fundos. O sino badala e ele corre, corre, corre. Sempre a galope, como se fosse um cavalo. E foi correndo e uivando que acabou se encontrando com quem nunca mais esperava se encontrar nesta vida. Pediu pernas para fugir, não teve pernas. E quando ia ao chão, desacordado, foi agarrado, sacudido, enquanto uma voz tentava reanimá-lo: — Não tenha medo homem. Um morto não faz mal a ninguém.

[...]

— Você veio cobrar uma diferença que existe entre nós dois — disse Alcino, pensando: — O condenado ainda não foi para o inferno.

— Ora, Alcino velho — a voz do outro agora era compreensiva, paternal — como você sabe, nós somos irmãos. E entre irmãos não existe diferenças. Digo: existem, sim. Mas são passageiras (ET, p. 110-113).

Há, nesse trecho, o relato do encontro do doido Alcino com o morto Nelo. Como poderia o narrador personagem Totonhim saber do fato? Ou como ele poderia saber o que os dois conversaram? É claro que mais uma vez o narrador tornara-se onisciente.

Na quarta parte do romance — *Essa Terra Me Ama*, o narrador personagem Totonhim retoma a voz narrativa. Ele passa a narrar a viagem que faz ao lado da mãe que, sofrendo um surto de loucura, precisava ser imediatamente levada a um hospital na cidade vizinha de Alagoinhas: “Ela vomita nas minhas pernas. Tonta. Costumava ter esse enjôo de ano em ano, um pouco antes de ficar com a barriga inchada. Filhos. Um por ano. Cada filho era um horror” (ET, p. 147-148).

Ora, no romance *Essa Terra* há diferentes nuances do narrador: Totonhim narra, Nelo toma voz no décimo capítulo da primeira parte, o narrador onisciente está presente na terceira parte do romance e em alguns capítulos de outras partes. Há, portanto, também diferentes narradores que se articulam com as experiências temporais dos personagens. Vejamos: o romance inicia com o narrador personagem Totonhim indo com o tio ao encontro de Nelo. O encontro acontece de forma trágica. Temos então a configuração do tempo-presente da morte de Nelo. Este é o momento axial do romance e ao qual os outros acontecimentos estarão articulados. No décimo capítulo, ainda da primeira parte, vimos que é Nelo quem narra a própria violência que sofrera em São Paulo. Estamos no tempo-passado da volta de Nelo. Duas experiências temporais então se cruzam: o tempo-passado de sua volta e o tempo-pretérito da surra. Ora, vimos que Nelo vivencia São Paulo e Junco de forma simbiótica, sua narração, desse modo, é carregada também de dois tempos que se articulam, dialogam. A mudança de narrador não acontece aleatoriamente. Não há como separar narração das experiências temporais, estas são contadas a partir da primeira. Se aqui fizemos uma divisão, foi numa tentativa de tornar a argumentação mais clara. Desse modo, as diferentes nuances do narrador estruturam também o romance tornando-o mais uma vez peculiar.

## Conclusão

O processo de migração, no romance *Essa Terra*, não significa apenas ultrapassar fronteiras territoriais, também concerne à criação de espaços fronteiriços onde o sujeito (que vivencia o contato intercultural) redefine sua identidade, passa pelo processo de transculturação. Vimos, nesse sentido, como o personagem Nelo conheceu o que é estar num “entre-lugar”, isto é, ele vivenciou um “diálogo (uma harmonia) incômodo” entre seus costumes, crenças, valores e os novos sistemas de representação com os quais se defronta em São Paulo. Em suma, ao experimentar uma nova ordem cultural e social, Nelo teve seu senso de pertencimento e de identidade anterior fragmentado, sofre processos de identificação que revelam o engano de se pensar a identidade como algo estável e unitário. Ele vivencia Junco e São Paulo como uma terceira cidade de contorno sertaneja-metropolitana. Demonstramos, assim, que o processo de transculturação se fez presente na trajetória de Nelo.

Por outro lado, a fragmentação da identidade dos personagens, as relações que eles estabelecem entre si e com a terra é correlata a fragmentação na/da estrutura da obra. Nesse sentido, podemos observar como as experiências temporais e as diferentes nuances do narrador realizam a formalização estética do fator social. Lembrando que ao falarmos de identidade, migração e literatura não estamos dizendo que a obra literária reflete o social, na verdade, o externo torna-se interno, para usarmos a expressão de Antonio Candido. Para ele, há entre obra literária e a realidade uma ligação que não necessariamente termina por fazer do texto ficcional uma imitação do mundo empírico. O fator social torna-se agente na constituição da estrutura do texto ficcional, há, portanto, uma formalização estética do dado exterior: “Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (CANDIDO, 2000, p. 7). Em outras palavras, não podemos esquecer o “como se” de Iser, isto é, na ficção literária “os fragmentos identificáveis da realidade” apresentam-se sob nova ordem representativa.

A formalização estética do fator social pode ser então entendida pela fragmentação na/da obra da seguinte forma: fragmentação **na** estrutura do romance porque o tempo disperso, a sequência não linear do tempo no romance, as idas e vindas do tempo demonstram que as experiências temporais vivenciadas pelos personagens refratam e refletem suas identidades fragmentadas e o tipo de relação que estabelecem com a terra. Da mesma forma, as diferentes nuances do narrador (narrador em primeira pessoa, narrador onisciente) deixam evidente que a narração está relacionada com as experiências temporais dos personagens. Assim, não há como separar narração das experiências temporais.

A fragmentação **da** estrutura do romance igualmente refrata e reflete a identidade fragmentada dos personagens e a relação que eles estabelecem entre eles e com a terra: o romance está dividido em quatro partes: *Essa Terra Me Chama*, *Essa Terra Me Enxota*, *Essa Terra Me Enlouquece* e *Essa Terra Me Ama*, cada parte subdividida em capítulos. Ora, cada parte e capítulo do romance estão relacionados um com o outro também através de um “diálogo (uma harmonia) incômodo”: cada parte e capítulo são a “fragmentação e coerência”, “continuidade e descontinuidade” do enredo, do romance. Enfim, podemos entender a fragmentação **da** estrutura do romance pelo processo transcultural: entre as parte e os capítulos há também um “entre-lugar”, onde as experiências temporais e a narração se encontram, se articulam tornando a história ao mesmo tempo una e fragmentada, ao mesmo tempo em que se estrutura uma nova ordem representativa da experiência temporal humana e das questões referentes aos efeitos que a migração ocasiona sobre um indivíduo que vive entre culturas e realidades diferentes.

## Referências Bibliográficas

- 1] CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- 2] HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-50.
- 3] ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, vol. 2, p. 384-415.
- 4] LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- 5] ORTIZ, Fernando. **El contrapunteo Cubano del azucar y del tabaco**. Caracas: Ayacucho, 1978.
- 6] RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1994. Tomo I.
- 7] \_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1997. Tomo III.
- 8] TORRES, Antônio. **Essa Terra**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- 9] WALTER, Roland. Transculturação: mediação entre síntese e simbiose. IN: **ANAIS VIII Congresso Internacional Abralic**. Belo Horizonte: UFMG, CD-ROM, 2003.
- 10] WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.7-72.

---

### iAutor(es)

**Fabiana COSTA, Profa. Dra.**

Universidade Federal da Paraíba (UFPB Virtual)  
fabiana74@uol.com.br